



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

JOANDERSON ALMEIDA COSTA

**(R) EXISTÊNCIA BIXA:
EXPERIÊNCIAS EM DANÇA A PARTIR DE UM CORPO AFEMINADO EM
CENA**

**ARACAJU (SE)
2024**

JOANDERSON ALMEIDA COSTA

**(R) EXISTÊNCIA BIXA:
EXPERIÊNCIAS EM DANÇA A PARTIR DE UM CORPO AFEMINADO EM
CENA**

Relato de experiência apresentado ao Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, como um dos requisitos à conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe para a obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Lino Daniel Evangelista Moura

ARACAJU (SE)
2024

JOANDERSON ALMEIDA COSTA

(R) EXISTÊNCIA BIXA:

**EXPERIÊNCIAS EM DANÇA A PARTIR DE UM CORPO AFEMINADO EM
CENA**

Relato de experiência apresentado ao Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso II como um dos requisitos à conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Lino Daniel Evangelista Moura- Orientador
Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Edna Maria do Nascimento
Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Jonas Karlos de Souza Feitoza
Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aracaju, 02 de abril de 2024

AGRADECIMENTOS

Por mais que não pareça, mas eu sou uma pessoa que na maioria das vezes tem dificuldade de expressar gratidão, contudo, não poderia deixar de agradecer para aqueles e aquelas que passaram por minha jornada acadêmica. É com imensa gratidão e no peito um aperto de saudade e emoção que inicio os agradecimentos que ao longo dessa jornada, conheci pessoas que juntos compartilhamos momentos bons e momentos árduos.

Primeiramente expresso meu maior agradecimento a Deus e aos Orixás que me guia, acompanha e ajuda o meu orí desde antes do meu nascimento, cujo sinto a presença constante em minha vida.

A meu orientador, Prof. Dr. Daniel Moura, por acreditar e não desistir de mim desde o início, pela paciência, carinho, dedicação e cumplicidade com este projeto.

À banca: Profa. Dr.^a Edna Maria do Nascimento e Prof. Dr. Jonas Karlos, por suas contribuições, inspirações, cumplicidade e incentivo durante toda a graduação.

Aos meus queridos colegas de turma, especialmente a Dillyane, Fabiano, Igor, Sara Saulo por tantos afetos compartilhados e pelos momentos inesquecíveis.

À Patrícia, minha irmã de sangue, amiga e parceira por me dar esse suporte de acolhimento, me apoiar no início foi muito importante para mim, com muito carinho minha eterna gratidão.

À Silvânia, minha tia por ser chata, mas entendo perfeitamente essa chatice de amor, cuidado e proteção.

Aos professores Ana São José, Bianca Bazzo, Clécia Queiroz, Fernando Davidovitsch, Jussara Tavares, Marcelo Moacyr, Mário Rezende, Thábata Liparotti que compartilham todo o saber para além do campo da Dança em constante e incansável luta e pela oportunidade de aprendermos juntos.

Ao Departamento de Dança, por me proporcionar um ambiente de intensas trocas de experiências.

À Edileusa, Fátima, Mica e recém chegada Aline por cada um no qual contribuiu de maneira única. agradeço por cada simples detalhe que de certo modo contribuiu nessa jornada.

A Débora Lis e a Ibernnon que sempre me dão seu ombro amigo para eu desabafar e que me socorreram disponibilizando seus notebooks para eu finalizar esta escrita.

Aos familiares e amigos que estiveram ao meu lado direta e indiretamente tiveram ao meu lado nessa jornada.

E por fim a criança viada Joanderson por ser essa metamorfose ambulante de conhecimento.

O meu Muito Obrigado!

*Arte nas veias
Acho que, enfim, enxergo a verdade:
Temos total sensibilidade
E viemos ao mundo com muito amor
Pra suprir a dor que nos angustia...
Fomos dotados desse talento
De fazer do nosso sofrimento arte,
E nos sentir parte do universo,
Carregar no verso a nossa luz,
Despejar no vento as canções mais belas,
Colorir as telas com fantasia,
E encher de beleza a existência fria
Da tão aclamada raça humana!*

*(Fabrício Oliveira) autor do blog
<http://fabliteris.blogspot.com.br/?m=1>*

RESUMO

Este trabalho busca através dos relatos de experiências, apontar os múltiplos caminhos que permeiam a investigação em dança através da prática no qual venho desenvolvendo como graduando no curso de licenciatura em dança na Universidade Federal de Sergipe, a partir da minha participação no componente curricular Tópicos Especiais em Dança I, no grupo *Humus* e no componente optativo Improvisação II, paralelamente a minha vivência identitária dentro e fora da dança, as violências, o preconceito e os desafios de ser uma bixa queer afeminada. Sendo experienciado na subjetividade do conceito binário de masculinidade e feminilidade e a desconstrução desse padrão. A partir dos conceitos de autores como Brad Haseman (2015), Guacira Lopes Louro (2000), Giuliano Souza Andreoli (2010), Cláudia Marisa Oliveira (2012), Eva Faleiros (2007), Nailanita Prette e Bya Braga (2020), entre outros, este trabalho possibilita uma importante contribuição para estudos e produção em dança e nas questões de gênero e refletir sobre a situação vivida e sobre como fundamentar a pesquisa na prática para a partir daí, criar suas próprias observações, compreensões, interpretações.

Palavras-chave: dança, gênero, experiências, investigação, subjetividade, LGBTQIAPN+, binário.

ABSTRACT

This work seeks, through experience reports, to point out the multiple paths that permeate dance research through the practice in which I have been developing as an undergraduate in the dance degree course at the Federal University of Sergipe, based on my participation in the Special Topics curricular component. in Dance I, in the Humus group and in the optional component Improvisation II, in parallel with my identity experience inside and outside of dance, violence, prejudice and the challenges of being an effeminate queer queer. Being experienced in the subjectivity of the binary concept of masculinity and femininity and the deconstruction of this pattern. Based on the concepts of authors such as Brad Haseman (2015), Guacira Lopes Louro (2000), Giuliano Souza Andreoli (2010), Cláudia Marisa Oliveira (2012), Eva Faleiros (2007), Nailanita Prette and Bya Braga (2020), among others, this work makes an important contribution to studies and production in dance and gender issues and to reflect on the situation experienced and on how to base research in practice and then create your own observations, understandings, interpretations.

Keywords: dance, gender, experiences, investigation, subjectivity, LGBTQIAPN+, binary.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: CENA INFÂNCIA.....	18
FIGURA 02: CENA AFEMINADA (1).....	21
FIGURA 03: CENA AFEMINADA (2).....	24
FIGURA 04: EXPERIMENTO HÚMUS (1).....	27
FIGURA 05: EXPERIMENTO HÚMUS (2).....	27
FIGURA 06: EXPERIMENTO HÚMUS (3).....	30
FIGURA 07: EXPERIMENTO HÚMUS (4).....	31
FIGURA 08: APRESENTAÇÃO HÚMUS (INCÔMODO).....	32
FIGURA 09: ENSAIO IMPROVISACÃO II (1).....	34
FIGURA 10: ENSAIO IMPROVISACÃO II (2).....	37
FIGURA 11: LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO ALDEIA MANGUE (1).....	42
FIGURA 12: LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO ALDEIA MANGUE (2).....	44
FIGURA 13: LABORATÓRIO INVESTIGATIVO PERFORMANCE.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA ENTRELAÇADA COM A DANÇA E GÊNERO	14
3 INTERLÚDIO 1	18
4 EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA	19
4.1 Experimento 1- Dança, Gênero e Sexualidade	19
4.2 Experimento 2- Relato Húmus	25
4.3 Experimento 3- Improvisação	34
5 INTERLÚDIO 2	39
6 DA JUNÇÃO DOS EXPERIMENTOS SURGE UMA NOVA APRESENTAÇÃO PERFORMÁTICA	40
6.1 Destrinchando a Apresentação	47
7 REFLEXÕES	51
8 REFERENCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

-Eu não tive filho homem, para ser viado! Ande direito, você não é mulher pra andar rebolando.

Você já deve ter ouvido ou pode até ter falado uma dessas ou outras frases, independentemente de sua orientação afetivo sexual, essas frases totalmente machistas e homofóbicas com sentido pejorativo são ditas frequentemente para homens gays. Eu enquanto homem Cis gay afeminado, ouvi esses enunciados por um longo período da vida, principalmente na minha infância. Assim, a partir do componente curricular do curso de licenciatura em dança tópicos especiais em dança I- dança, gênero e sexualidade, surgiu uma performance, na qual através das discussões sobre experiências pessoais e discussões de diversos textos como Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade, Violência de gênero e Manifesto pela pesquisa performativa, proporcionaram transformações na minha forma de agir, criar e estar no mundo.

Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto. Elas permitem novas soluções para as indagações que sugeri e, obviamente, provocam novas e desafiantes perguntas. Talvez seja possível, contudo, traçar alguns pontos comuns para sustentação das respostas. O primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. o segundo, ao fato de que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (Louro,2000, p. 8).

Desta forma, ressalto que os estudos sobre gênero vêm se tornando cada vez mais eminentes, isso porque especialmente manifestações provocadas pela 1º, 2º e 3º onda dos movimentos feministas, vêm trazendo discussões sobre as construções sociais, feminilidade e atribuições de papéis de gênero.

O conceito de gênero, tal como o feminismo, foi abrindo o seu horizonte de possibilidades conceituais e analíticas, passando a tratar não só de forma interseccional, mas analisando os saberes-poderes que constituíram o gênero em interação com outras formas de diferenciação social, através de processos históricos, sociológicos e políticos (Oliveira, 2017, p. 107).

A partir dos anos 60 este conceito vem sendo problematizado de uma forma mais ampla, expressando-se não apenas através de grupos feministas, mas pelos movimentos LGBTQIAPN+ e sustentado também por todos aqueles que se sentem ameaçados pela opressão do poder heteromachista.

Ressalto também que a dança, é uma área de estudos historicamente recente dentro do campo dos estudos de gênero, sendo que, é uma das linguagens cujo o corpo ainda é marcado pela binaridade de gênero, ou seja, os corpos em diversos estilos de dança, ainda sofrem pela análise do padrão binário de gênero que investe na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos. A dança está fortemente implicada nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo e tal discussão ainda é bastante incipiente.

A partir dos vários questionamentos nos mais diversos meios das relações sociais, existe um discurso que naturaliza a construção da essência de masculinidade e feminilidade, dessa naturalização surgem as violências de gêneros para aquele que não exerce o seu papel esperado pela sociedade. “O gênero apresenta-se como uma ordem social, uma regulação da vida das pessoas que configura o modo como estas vivem, o que podem expô-las como vulneráveis e precárias e que as deixa sujeitas a determinadas formas de violências” (Oliveira, 2017, p.32). Pensando nesses questionamentos busco uma possibilidade de aprofundamento de estudo, na proposta deste trabalho que está direcionada para uma pesquisa que pretende organizar discussões reflexivas surgidas da criação em performance, por entender que o corpo é parte principal da comunicação estética a que me proponho.

Traduzindo-se conceitos e idéias, enquanto questões, utilizadas em protocolos criativos particulares, nas soluções possíveis, do(s) corpo(s) que dança(m). Sendo assim, as propriedades e os padrões de comportamento músculo-esqueléticos do corpo (flexibilidade, elasticidade, contractibilidade, força, massa, peso, comprimento, volume, proporção, etc.) condicionam essas traduções. (Santana, 2018).

Entretanto, de que forma este relato de experiência em dança pode contribuir para pensarmos em estratégias de pesquisas e de processos criativos em dança que possam modificar ou suprimir o padrão binário dominante na dança? Uma vez que sujeitos de diferentes gêneros, raça e classe expressam suas subjetividades artisticamente e que na maioria das vezes esses sujeitos são violados e silenciados por não participar de um determinado padrão imposto. De que modo um resultado de performance em dança entrelaçado nas questões de gênero pode apontar para uma discussão reflexiva de estudo e de ruptura do padrão binário, tendo um corpo Queer violentado como local dos acontecimentos no encontro dessas informações? Onde relatar experiências vividas a partir dos questionamentos pessoais é parte essencial do processo. Sendo que, “Experimentar, vivenciar, colocar o corpo à prova e produzir conhecimento a partir dele,

com ele, nos alimenta como artistas das artes da cena e, assim, todas essas relações alimentam a nossa escrita”. (Braga, Prette, 2020, p. 14).

Estas diversas experiências são fonte de criação artística, dando origem a múltiplas atuações, sendo estas materializadas preferivelmente num corpo transpessoal, intrapessoal e transcultural que se enuncia cenicamente.

As abordagens de uma pesquisa guiada-pela-prática trabalham com uma realidade dinâmica que se pauta nas relações criativas que emanam do conhecimento do sensível. Em suma, tais pesquisas apresentam a prática artística performativa como forma de conhecimento e aprendizagem, tratando-a como um ponto de partida para a escrita dos processos e resultados como em dissertações e teses acadêmicas, bem como artigos. O saber que vem pela prática artística fortalece, no mundo acadêmico, o conhecimento sobre e da prática (Braga, Prette, 2020, p. 4).

A realização deste trabalho potencializa um estudo, no qual venho desenvolvendo como graduando no curso de licenciatura em dança na Universidade Federal de Sergipe a partir de uma performance que realizei no Componente Curricular, Tópicos Especiais em Dança I “Dança, gênero e sexualidade”, estendendo-se em mais dois estudos sendo um para o grupo *Humus* e outro no componente optativo Improvisação II permitindo mais possibilidades de acesso e informação sobre as discussões de gênero, dança e sexualidade. Desta forma, ao mesmo tempo em que este relato contribuirá para os estudos acadêmicos em dança, ele contribuirá para uma reelaboração de uma performance com metodologias de improvisação que segundo Braga e Prette (2020, p.14) “não existem padrões de movimentações a seguir, mas sim protocolos de ações que não visam induzir ao certo ou ao errado. Existe, nessa abordagem, a experiência corporal expressiva e não se tem um objetivo definido a cumprir” na medida em que um olhar reflexivo sobre o resultado pode gerar novas compreensões sobre o mesmo fenômeno.

Uma das principais motivações para eu sustentar a reelaboração desta performance, reside na importância que o tema possui para contribuição dos estudos e produção em dança e nas questões de gênero. Posso assim, afirmar que discutir as questões de gênero através da dança permite novas possibilidades de questionamentos como sujeito perante a sociedade, numa profunda compreensão das estruturas sociais com intuito de romper o sistema da heteronormatividade que “pode ser definida como norma que regula, justifica e legitima a heterossexualidade mais natural, mais válida e mais normal em detrimento das outras, vistas como negativas e inferiores.” (Oliveira, 2017, p. 27), que nos submete socialmente a padrões normativos do que é ser homem.

Este trabalho também promove o desenvolvimento de um pensamento crítico em relação ao binarismo social propondo a condução de um questionamento através do embasamento de autores como Brad Haseman (2015), Guacira Lopes Louro (2000), Giuliano Souza Andreoli (2010), Cláudia Marisa Oliveira (2012), Eva Faleiros (2007), Nailanita Prette e Bya Braga (2020), entre outros, que são um dos principais pilares na construção da performance desta pesquisa, no instante em que oferecem um direcionamento teórico para repensar as posições tão fortemente delimitadas entre homem e mulher.

Paralelamente, procuro estabelecer na performance as características dos estudos contemporâneos em dança como a multiplicidade de discursos, temáticas e processos de criação. Assim, este estudo contribui para o pensamento de uma estrutura de comportamento artístico e social, que tem como principais direcionamentos as questões de gênero e desconstrução de padrões binários como característica principal da dança, permitindo desta forma, mais acesso e informação sobre as discussões de gênero e dança para os profissionais de áreas afins e estudantes de dança.

Assim, o primeiro capítulo destina a descrever minha história e a relação que ela tem com dança e gênero. Por ser lido socialmente como masculino e que a partir dessa leitura que situações de violências e os silenciamentos identitários são presentes na minha vivência enquanto bixa afeminada. Em seguida o segundo capítulo que relato cada experiência vivida na graduação como possibilidade de reelaborar uma nova apresentação artística seguindo do terceiro capítulo que abordo todo o processo de preparação corporal e laboratórios para obter resultados para a nova performance e por último minhas reflexões sobre esta escrita.

2 UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA ENTRELAÇADA COM A DANÇA E GÊNERO

Nascido em Aracaju-Se, bixa negra, queer, afeminada, eu Joanderson Almeida Costa, escolho fazer o curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Sergipe, onde conquistei a vaga na universidade aos 24 anos com um desejo de concluir os estudos em uma instituição de referência nacional, sendo que este desejo é parte de um sonho que tem um peso muito significativo para mim, até onde sei, sou o primeiro da família a concluir o ensino de nível superior.

Comecei a graduação em meados de junho de 2017, sendo que nos primeiros semestres muitas coisas aconteceram e uma delas foi a realidade de que aquele curso que escolhi estava para me oferecer. Lembro-me sempre das perguntas que amigos de turma e alguns professores do curso faziam durante o semestre em relação ao tcc, qual tema irá pesquisar? Já pensou em seu objeto de pesquisa? Quem vai ser sua orientadora? Sempre respondia essas perguntas, mas confesso que as respostas mudaram totalmente. Tudo começou a mudar quando essas palavras dança e gênero adentraram a minha vida acadêmica, palavras essas que foram introduzidas a partir de um componente curricular, ministrado pelo professor Dr. Daniel Moura do Departamento de Dança. Explicarei sobre esse componente logo nos próximos tópicos desta escrita.

Acredito que escolhi o curso de Dança para vivenciar a minha criança viada de maneira hipotética ou imaginária, tenho essa percepção ao me olhar no espelho da sala de dança e ver uma bixa adulta realizando aquilo que ela queria fazer e não podia por medo do julgamento e silenciamento. Já que existe uma criança ‘viada’ que gosta de dançar, porém o acesso à dança sempre lhe foi negado quando diziam que dançar era coisa de mulher, mesmo assim na minha inocência de criança não ligava, dançava bastante ao som do grupo é o Tchan¹ que nos anos 90 foi a minha maior referência em dança e que nessa década era o ápice das coreografias, além deste grupo tinham as divas das bandas e seu

¹ É o Tchan! é um grupo musical brasileiro de pagode formado em 1994 pelos cantores Beto Jamaica e Compadre Washington. Originalmente, além dos vocalistas, tinha como dançarinos Carla Perez, Débora Brasil e Jacaré, sendo que posteriormente Scheila Carvalho e Sheila Mello

corpo de baile que nos anos 2000 era sucesso, como Paulinha Abelha² (*in memoriam*), Joelma³, que no tempo era banda calypso, Mylla Karvalho⁴.

Dancei quadrilha, participei de um grupo de capoeira mas infelizmente não permaneci por muito tempo nas aulas, hoje entendo o porquê desse pouco tempo no grupo, pois o professor era totalmente machista, e por isso o professor achava a minha pessoa muito *pintosa* (afeminada) para fazer as aulas de capoeira, participei de um projeto social da prefeitura o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) que tinha várias atividades de esportes, de leitura e dança, no qual existia um grupo de dança de onde fui excluído pelo meu gênero definido pela minha genitália sendo lido socialmente como masculino, além desse caso, lembro também que durante meu ensino fundamental ocorreu a mesma situação, onde existia um grupo de dança com participação só de meninas. Quando adentrei na pré adolescência me afastei completamente da dança, pois já acreditava que dançar não era algo mais pra mim, devido ao meu sexo e as referências que eu tinha era de que homem que dança era *boiola*, referência dita por meu pai em uma situação de violência *essa porra não quer fazer judô que é um esporte de homem, mas se fosse balé queria porque é coisa de mulherzinha* (frase verbalizada quando eu tinha 11 anos).

No começo da minha juventude, passei a me entender como homossexual quando tinha em torno de 13 anos, onde tive meu primeiro contato de penetração, mas confesso que antes disso aos 7 anos, tive contato sexual oral e tentativas de penetração, hoje reconheço que esses atos foram atos de abusos sexuais. Para eu aceitar minha sexualidade foi um pouco difícil, minha relação com a comunidade LGBTQIAPN+ era muito limitada e as poucas referências que eu tinha eram de pessoas trans e travestis que na época não tinham o conhecimento da importância delas para nós enquanto LGBTQIAPN+. A minha vivência como criança e adolescente viada foi traumatizada por violências com tamanho preconceito e homofobia velados em valores morais, sendo privado de performar características que eram verdadeiramente minhas. Assim, vendo essa discriminação

² Paulinha Abelha foi uma cantora brasileira de forró eletrônico. Tornou-se conhecida por integrar os vocais da banda Calcinha Preta.

³ Joelma da Silva Mendes é uma cantora, dançarina, coreógrafa, compositora e empresária brasileira. Nascida e criada no Pará, é consistentemente creditada por levantar a bandeira da música do seu estado de origem e recebeu apelidos honorários, incluindo o de "Rainha do Calypso".

⁴ Mileide Santos Carvalho Souza, mais conhecida pelo nome artístico de Mylla Karvalho, é uma cantora, coreógrafa, dançarina e bispa brasileira. Integrou como vocal da banda Companhia do Calypso, onde atuou por cinco anos e gravou um álbum de estúdio, seis álbuns ao vivo e três álbuns de vídeo, ganhando visibilidade nacional,

presente no meu contexto social, sou influenciado ao ponto de tentar assumir uma vida dupla, para mostrar uma passabilidade que a sociedade conservadora espera e ter um encaixe na heteronormatividade padrão e do outro esconder minha orientação sexual, mas graças às deusas isso não aconteceu.

Ao assumir minha sexualidade de modo forçado, por mais que eu acredite que muitos já sabiam, mas se negaram a aceitar, principalmente meu pai que para ele, machista e misógino do jeito que é, ter um filho homossexual é destruir sonhos patriarcais. Foi difícil? Para mim um pouco, mas nem todas as pessoas quando assumem sua orientação sexual ou gênero têm o pouco do privilégio que eu tive, privilégio este no qual me refiro é de não ser expulso de casa, mas como disse não foi tão fácil, que para além de uma expulsão, lidar com olhares tortos todos os dias ao andar na rua, rejeições de alguns familiares e falas preconceituosas ditas frequentemente é exaustivo e cansativo ter que lidar com todas essas situações diariamente.

Sou uma pessoa como qualquer outra, porém gosto de homens gays cis. Não acordei num belo dia de manhã e escolhi ser mona⁵. Afinal, quem quer escolher o modo mais difícil de se viver né? Ser viado não é escolha e sim, um estado natural de viver a vida e que durante a infância os familiares e a sociedade tentam colocar tanto sentimento desprezível e inadequação em nós, que a gente, com medo da rejeição, tenta se encaixar nesses padrões heteroterroristas, rejeitando partes preciosas da nossa alma 'viada'. Lembro-me de que tinha muito receio de assumir a minha viadagem (na passagem de fase de criança para adolescente), de ser afeminado, isso porque durante o meu aprendizado de ser social, fui ensinado a detestar, julgar e odiar pessoas homossexuais principalmente as mulheres trans e travestis. Mas acredito que a pior rejeição possível é a nossa própria! Me perdoe por isso, pois, não tenho culpa de ser criado desta maneira ao ponto de demorar anos pra eu descobrir algo tão central da minha vida. Sendo reprimido de ser sensível e privado de fragilizar a minha masculinidade.

Esse Joanderson de agora chega mais fortalecido, ancorado e fortificado para desbravar, cada vez mais, a sociedade hipócrita de seus padrões sociais. Eu sou resiliência, coragem e loucura. Sou uma pessoa ainda em processo de amadurecimento, porém mais consciente, buscando sempre me entender e descobrir. Quais serão os

⁵ Forma de tratamento informal entre pessoas da comunidade LGBTQIAPN+

próximos rumos que eu tomarei ao longo dos outros anos da minha vida? Ainda não sei, mas acredito que sempre serão passos certos no caminho do que eu acredito.

3 INTERLÚDIO 1

Querida Criança Viada,

Embora já tenha crescido, continuo aqui observando meu reflexo no espelho e me questionando sobre a minha verdadeira identidade. Eu tinha medo da mudança, porém devo admitir que estou aprendendo muitas lições com ela.

Aprendendo a me enxergar além do externo, tô me encontrando nessa vida realmente para entender quem eu sou. Desconstruir tudo aquilo em que acreditamos como verdade é um processo desafiador, assusta, gera medo e pode até nos afastar de alguns amigos, mas faz parte da vida.

Sempre que sinto nossa ferida sendo tocada ou em uma crise existencial, eu só corro, só corro, só corro, socorro, dessa sociedade, que nos atura na força da farsa, na marra, nos negando a existência, sem nenhuma inocência, tendo nossos corpos violados, sangrados, estuprados e sendo tratados como objetos pelo falso heteromacho

Mas você da família patriarcal brasileira prefere ignorar os nossos corpos a gritar, sou mais um corpo que existe e resiste nesse padrão binário do que é ser macho. Sou esse que dá a cara a tapa, pra ser chamada de afeminada e se arriscar a entrar no padrão é autosabotar. pois estar vivo é uma dívida que eu tenho com os meus, que com luta e resistência e com sangue pagaram pela sua sobrevivência.

Enfim, minha criança viada aqueles que olhavam antes, ainda continua olhando, mas a ignorância não me assusta mais, enquanto eles permanecem cegos, achando que identidade de gênero se resume apenas em xota e pau sigo desobedecendo o gênero mandando beijinhos e tchau. Sigo nessa nova fase, porque esse sou eu uma metamorfose ambulante, sou aquela gayzinha do bairro que se aceitou que agradece a deus e a todos os orixás por toda essa caminhada.

4 EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA

Experiências são fruto de nossos corpos (aparato motor e perceptual, capacidades mentais, fluxo emocional, etc), de nossas interações com nosso ambiente através das ações de se mover, manipular objetos, comer, e de nossas interações com outras pessoas dentro da nossa cultura em termos sociais, políticos, econômicos e religiosos) e fora dela (Greiner, 2005 p. 132).

As experiências a seguir apresentam resultados acerca de algumas práticas realizadas sobre dança e gênero. Dessa experiência, surgiram reflexões profundas e a vontade de reestruturar, talvez por necessidade de se auto-organizar. Optei por enfrentá-la mais uma vez, após um tempo de distância e quietude, transformando-a em um ritual criativo de dança, em uma performance artística.

Figura 1 - Cena Infância



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

4.1 Experimento 1- Dança, Gênero e Sexualidade

Como já mencionado, em função de um componente curricular que participei, que se chama Tópicos especiais de dança I, cujo assunto era Dança, Gênero e Sexualidade. No qual o processo da construção da performance tem uma narrativa pensada em toda minha trajetória vivida na infância e na adolescência, numa relação de transmissibilidade, memória e atravessamentos sociais para que assim possa elaborar um roteiro pessoal de

pesquisa. A ideia surgiu a partir das discussões realizadas nas aulas, onde comecei a me debruçar em diversas situações de violências sofridas durante a infância e adolescência sem nenhuma percepção do ocorrido. A partir disso, busco olhar para a realidade na qual estou inserido ao refletir sobre como a necessidade de ser macho é uma imposição social que violenta e pune para quem não se encaixa no padrão do ser macho viril.

Segundo o dossiê de 2022 ‘Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil’ ele aponta que o país “matou 273 pessoas em crimes relacionados à sua orientação sexual ou ao gênero só em 2022. Dessas mortes 228 foram assassinatos, 30 suicídios e 15 outras causas”. É importante ressaltar que, no Brasil, pessoas LGBTQIAPN+ ainda são vítimas de discriminação e violência. Elas são mais propensas a serem vítimas de crimes de ódio, como assassinatos, espancamentos e estupro. Também são mais propensas a sofrer *bullying* e assédio na escola, no trabalho e na sociedade em geral. Enquanto isso, pessoas heterossexuais não sofrem nenhum tipo de discriminação ou violência por sua orientação sexual.

Ao longo do componente, depois de termos discutidos assuntos como gênero e natureza, Implicações de gênero, violência de gênero, transsexualidades, aspectos do universo drag, gênero e poder, LGBTQIAPN+ e marcadores da diferença, me fizeram refletir e perceber mais claramente sobre como a LGBTQIAPN+fobia opera em nossas vidas e principalmente as minhas violências vividas até o momento presente. Em uma abordagem específica, o Professor Daniel Moura propôs a realização do processo criativo em dança, baseando-se no roteiro que ele desenvolveu para sua pesquisa de doutorado que resultou na performance "Protocolo.Doc".

Seguimos com as investigações de acordo com as etapas do roteiro disponibilizado e apresentando os resultados dos processos de composição em sala nos encontros semanais do semestre vigente. Eram 9 questões sendo que o primeiro quesito da lista solicitado é que buscássemos definições para a palavra protocolo, logo em seguida discutimos sobre elas e como entendemos essa palavra no âmbito dos estudos de gênero. Dando continuidade nos laboratórios, os próximos itens solicitados foram as questões 2, 3 e 4 para que experimentássemos algum tipo de composição. Da mesma forma com os itens 5 e 6 e os itens 7, 8 e 9 ficaram de stand-by, pois, o semestre já estava chegando ao fim e não era mais possível realizar tantas experimentações para criação, porém, esses questionamentos eram algo muito pessoal do professor e daí ficou a critério de quem quisesse fazer.

descrevo meu protocolo proposto no componente curricular da seguinte maneira.

Figura 2 - Cena Afeminada (1)



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Lista do Protocolo

1) O que são protocolos?

De primeira, a resposta foi em minha concepção sobre o que são protocolos? Que para mim naquele momento são normas como parte de condutas ou regras para realização de algo a se cumprir. Mas acredito que foi uma pergunta chave para introduzir sobre as discussões relacionadas aos protocolos de gênero, as condutas heteronormativas, que apesar da naturalização não estranhamos quando escutamos em frases como: homem não chora, isso é roupa de mulher, sente-se como uma menina. Se fosse natural, ninguém

precisaria ensinar essas condutas, ainda assim são preceitos para o que é considerado comportamento certo, especialmente para aqueles que vivem desviando do seu papel de gênero.

2) Um texto ou uma poesia, sua ou publicada, que fale sobre gênero. Pode ser um manifesto!

Neste tópico utilizo a gravação da minha voz com frases traduzidas em português o texto de Maya Angelou *phenomenal woman* (mulher fenomenal), minha inspiração para escolha desse texto foi devido a um vídeo que eu assisti de um show da Beyonce onde uma das dançarinas interpreta a proclamação deste poema. Encantado com a performance fui pesquisar sobre o que aquele poema falava, descobri que ele aborda a mulher fenomenal há em nós.

3) Uma dança que você conheça e que você identifique que existem implicações de gênero.

Escolher o balé clássico é algo além do pessoal, para mim o balé é uma dança que possui uma divisão de papéis de gênero muito nítida. Por transparecer uma dança de expressão suave e delicada, ela é hegemonicamente lida como uma dança feminina, além disso, quando se trata de balé de repertório onde as narrativas por sua maioria sempre aborda histórias de romances onde o binarismo de gênero é fortemente predominante e por também possuir características de movimento nessa divisão de masculino feminino, cito como exemplo a reverência ao público.

4) Escolha um elemento nessa dança (preferencialmente) que você considere muito significativo na representação do gênero.

O elemento que eu escolhi para este experimento foi a saia *tutu* romântica do balé, esse *tutu* é muito utilizado nas apresentações dos balés de repertório. Acredito que a partir dela poderiam surgir várias proposições de cena e de movimentos que não são os habituais no manuseio deste elemento, porém pelo curto tempo de experimento não foi possível também uma ressignificação da saia para transformá-la em outros elementos durante a encenação.

5) Escolha uma música que fale sobre mulher/homem/trans/bi/ gênero.

Neste quesito escolher a música de Linn da Quebrada *Mulher* é algo muito significativo para mim, como já relatei que fomos ensinados a odiar as mulheres trans e travestis, e esta música ela relata poeticamente as histórias vividas dessas pessoas, que vivem na maioria em situação marginalizada na sociedade por falta de oportunidades corrompidas pela transfobia. paralelamente utilizo outra música e as falas preconceituosas

relatadas a minha pessoa, feito uma edição de mixagem para complementar a performance, palavras estas que são utilizadas frequentemente para pessoas LGBTQIAPN+ de modo pejorativo.

As frases utilizadas na edição da música foram:

Viadinho; veraverão; lacraia; bichinha; quando você virou gay? deixa de viadagem! não tenho nada contra gays, tenho até amigos que são; você não parece ser gay? que desperdício! Quem é o homem ou a mulher da relação? vira homem viadinho! Tudo bem ser gay, mas precisa ser depravado? Que bixas ridículas! viado tem que morrer! Vocês são o câncer da humanidade! pessoas como vocês vão para o inferno! Eu tive um filho, foi para comer buceta! não basta ser viado mas é necessário usar roupa de mulher! mas como você sabe que não gosta, se nunca você ficou com mulher? ande direito, você não é mulher pra está rebolando? tenha prumo de homem.

6) Escolha imagens de poses femininas/masculinas/animais para criar transições.

Nessa questão é solicitado em aula, para que nós trouxéssemos imagens, fotos ou algo do tipo com pessoas fazendo poses ditas masculinas e femininas, a partir daí é feito um laboratório de pesquisa em sala, com as imagens expostas no chão, começa então, movimentações de transição das poses masculinas e femininas e conseqüentemente fosse pensado em um animal e trazer o arquétipo desse animal para o corpo, penso no animal réptil a iguana, que de início a minha subjetividade partia do fenômeno natural desse bicho a ecdise ou troca de pele como é popularmente conhecido, esse fenômeno ocorre mediado pelos hormônios, onde nesse período ocorre essas alterações. Penso nesse processo de troca de pele como possibilidade de trocas de figurinos.

Entretanto, percebo que para além de uma troca de pele a iguana, ela também é referida pelo binarismo de gênero, onde em outros locais do mundo ela é conhecida no masculino. Reflito então, uma masculinidade entrelaçada a seus dois hemipênis, o intuito é traçar um paralelo de ruptura nos costumes do fenômeno cultural do falo masculino, nesse sentido o que parece aceitável a ideia de masculinidade viril que determina o gênero e o comportamento agressivo, causando desconforto e acima de tudo valorizando a força e o tamanho do seu pau. Se com um pau esses machos se acham, imagina se eles tivessem dois igual a iguana! Quem é uma bixa iguana afeminado sabe as dificuldades e a opressão que passamos na luta pela sobrevivência, seja na rua, no trabalho ou dentro de casa e também na própria comunidade LGBTQIAPN+.

7) Em cena, como você pediria alguém em casamento?

8) Como você usaria uma música de carnaval?

9) Escolha uma música para dublar.

Essa questão eu poderia ficar sem responder, porém, confesso, que no ensaio com o áudio pronto para a apresentação, eu senti a necessidade de cantar um refrão da música escolhida. De repente uma forte sensação de cantar surge a partir do refrão:

*'Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar
Batam palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia batalhando, conquistar o seu direito de
Viver e brilhar, e arrasar'*

Linn da Quebrada - blasFêmea | Mulher

Figura 3 - Cena Afeminada (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

Acredito que aplaudir mulheres trans e travestis é uma honra pois é sempre elas que estão de frente contra a sociedade, dando a cara a tapa, lutando com unhas e dentes para sobreviver nessa sociedade que nos desejam a morte. Entretanto, não só de aplausos vivem as gatas, elas merecem respeito, visibilidades e de mais oportunidades para não cair nas mazelas e na margem da prostituição como meio de sobrevivência.

Essa lista foi compartilhada com todos os discentes deste componente de maneira que ela fosse tida como um roteiro, mas não necessariamente deveria ser entendida como algo fixo de criação, pois cada um tem suas subjetividades.

Para o resultado das mostras de cada processo houve uma conversa sobre dramaturgia da dança e leitura de artigos para que houvesse algum tipo de noção sobre como elaborar os elementos da cena. Sendo que a definição de cada conceito e reflexão emerge dos conhecimentos práticos do corpo e que nessas práticas “O corpo atravessa, desde sempre, as práticas da arte, do coração da literatura à materialidade do palco, remetendo-se para os comportamentos metaquotidianos do humano, exigindo, portanto, que o investigador acione a sua própria estética do olhar.” (Oliveira, 2012, p.16) Sendo assim, a minha performance surge como um reflexo da metodologia da performance Protocolo.doc. Porém, compreendo que cada performance apresentada tem seus próprios protocolos de conduta e autonomia em suas atuações.

Ao final do componente discutimos o método com o intuito de entender se seguir o percurso feito por uma performance construída, poderia indicar um modo de transformar as discussões em corpo na construção da cena, sobretudo pelo fato de que, pensar o movimento fora do entendimento da arte como representação da natureza e do belo, é uma tarefa que tem como objetivo educar em mão dupla artista e espectador. Desta maneira, expor a experiência pessoal enquanto gay afeminado é uma inquietação, uma sensação angustiante de corporalizar todas as relações e atravessamento das situações vividas e como o corpo em tal contexto, assume, se empodera e entende a cultura machista, despindo-se dos medos, da hipocrisia que nos submetem as situações da formalidade heteronormativa dos armários.

4.2 Experimento 2- Relato Húmus

Estou procurando...

Estou procurando...

Estou procurando, estou tentando entender

O que é que tem em mim

Que tanto incomoda você

Se é a sobancelha, o peito, A barba, o quadril sujeito.

(Submissa do sétimo Dia, por Linn da Quebrada)

Volto ao tempo para falar um pouco do início do processo da pesquisa para fundamentar as discussões acerca do processo de criação da coreografia para o grupo Húmus, para que possa complementar o resultado final da tese de doutorado do Professor Marcelo Moacyr⁶, também como possibilidades de troca coletiva de conhecimento e experiências com os demais participantes do grupo no momento de sua pesquisa.

Tudo começou em 2019 com a proposta de participação para a pesquisa, cujo o tema inicial é “Dramaturgia(s) do Corpo na Cena Numa Perspectiva Coreológica”, com base nos fundamentos teóricos de Laban fazendo um paralelo com o sistema de Stanislavski, através de composições criadas a partir dos laboratórios feitos em encontros semanais e nos componentes curriculares do curso de Dança da Universidade Federal de Sergipe, havendo sempre uma discussão no final com a participação de todos os envolvidos, fomentando então o seu trabalho de pesquisa. Porém ao decorrer do processo várias mudanças em sua pesquisa foram acontecendo devido ao início da pandemia do coronavírus em março de 2020 que inclusive essas mudanças afetaram no formato dos encontros para discussões e laboratórios de criação, que passaram a ser encontros remotos via chamada de vídeo, também houve mudanças em sua metodologia, no tema e nos participantes da pesquisa.

⁶ Professor efetivo do Departamento de Dança da UFS. Membro dos Grupos de Pesquisa Corponectivos em Dança, Artes e Interseções, LAPETT - Laboratório de Pesquisa e Estudos em Tanz Theatralidades e Arte, Diversidade e Contemporaneidade. Chefe do Departamento de dança - DDA (2013-2021), da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Conselho Universitário da UFS (2021~2023). Coordenador do Grupo de Dança e Performance da UFS. Doutor em Artes Cênicas - USP (2018-2022), orientado pela profa. Dra. Sayonara Pereira. Possui mestrado em Arte - City University of New York (1988) - Graduação em Dança Teatro - Laban Centre For Movement and dance (1980).

Figura 4 – Experimento: Húmus (1)



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Figura 5 - Experimento: Húmus (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

O processo de criação da coreografia parte do pressuposto de que todos os participantes têm que voltar ao início dos laboratórios realizados durante todo processo de discussão e investigação criativa. E então, é sugerido pelo professor Marcelo, que a memória de todo o processo, fosse fonte de criação para uma nova coreografia para gravação do vídeo e embasamento teórico para ser apresentado junto à tese. A proposta era da seguinte forma: para começar a composição deveríamos nos perguntar ou recuperar algo que nos levasse a uma autorreflexão sobre nós e como a partir dessas reflexões a dramaturgia do movimento seria passada através dos nossos corpos. Ou seja, a nova proposta para o resultado final era a partir de uma pergunta a nós mesmos exigindo, portanto, que nós como criadores acionássemos a nossa própria estética do olhar para enxergarmos onde estaria a dramaturgia que segundo Greiner (2005, p.81) “A dramaturgia do corpo não é um pacote que nasce pronto, um texto narrado por um léxico de palavras, mas como a sua etimologia propõe emerge da ação”.

Com este propósito, realizou-se uma investigação no sentido de compreender e analisar os processos dramaturgicos de criação cênica do corpo, enquanto espaço comunicacional e de atribuição de sentidos. Mas voltando ao assunto, para a composição da coreografia, opto como ponto de partida os meus questionamentos pessoais, introduzidos lá no início do componente tópico especial em dança I- dança e gênero. Daí me questiono ‘Quais memórias vividas podem contribuir nesse novo processo? Como as questões de gênero e sexualidade podem entrar nesse meio?’. Entretanto, como nos últimos períodos do curso venho adentrando nos estudos sobre gênero e sexualidade, percebo o quanto ao longo de minha vida sofro com a opressão da heteronormatividade, machista e misógina. Por conta disso, vivo em constante processo de libertação e autocura das minhas feridas da infância, perante a essa sociedade que tem prazer em jogar em minha cara o quanto ela é preconceituosa e homofóbica.

Busco em minhas memórias e lembro que desde criança vivo diversas experiências carregadas de emoções que são registradas no meu inconsciente. Sendo que até eu entrar na universidade nunca parei para refletir sobre o quanto essas experiências influenciaram na minha vida. Começo então a criar os primeiros movimentos coreográficos. É a partir de uma caminhada improvisada que na mesma hora lembro de quando era adolescente andando em diversos lugares com vários olhares mim atravessando preconceitosamente. Abaixo um trecho do relato cedido e escrito por Dilly, artista do corpo, acreana,

dramaturgista da dança - SPED (São Paulo Escola de dança) é formada pela UFS no curso de licenciatura em dança.

Eu fiquei refletindo sobre os olhares que nos atravessam, aqueles que nos chegam sem nossa permissão. Olhares estes, que ao nos invadirem, nos abarrotam de pensamentos de como estamos ou os outros estão reproduzindo fatores que devem ser repensados como: Uma certa vez, eu estava dentro do elevador um homem cis de aparência mais madura entrou também no mesmo elevador, foi coisa de instantes, mas da forma como me olhava pareceu que eu não ia sair daquele lugar, que se tornou menor do que a realidade me apresentou antes. Me senti coagida e despida por esse olhar. E também, me lembro que foi no mesmo ano, que os abusos sexuais contra mulheres cis ganharam outros lugares que não era apenas, casos se considerava abuso apenas seguidos de penetração. (palavras de Dilly)

Ao ouvir este relato em sala, percebo algo em comum e que posteriormente refletiu neste laboratório de criação. O que às vezes eram olhares de ódio, de estranhamento ao ver aquele corpo performando aquilo que é dito feminino ou fora de um padrão macho heteronormativo, olhares de desejos sexuais, olhares de julgamento, de preconceito, enfim, o que não faltava eram olhares, e que nesse período ainda não tinha noção e não incomodava, porém hoje em dia nada mudou, os olhares continuam só que agora tenho esses incômodos, pois é perceptivo quando o olhar nos atravessa com tom de preconceito ou algo do tipo. Depois tento recuperar alguns movimentos que fiz para o mesmo processo nos encontros remotos utilizando uma cadeira, daí na discussão sobre o porquê da cadeira me veio a ideia de que a cadeira seria algo como uma forma de refúgio, de acolhimento, mas ao mesmo tempo meus questionamentos sobre minha sexualidade me perturbavam fazendo desse local um lugar conturbado. Ressalto que em todos os encontros o professor Marcelo desdobrava um diálogo possibilitando a interação com o grupo e a viabilidade da observação em relação ao que é apresentado na coreografia, permitindo captar com maior clareza os aspectos que precisam modificar as ações das partituras corporais desenvolvidas pelos criadores e de possibilitar fundamentos teóricos para serem apresentados após a gravação da coreografia. Além desse incômodo que sinto da sociedade, durante todo o processo eu particularmente sentia incômodos no corpo devido a vários fatores, alguns deles eram a falta de ar devido a máscara, tontura, desconforto por não estar bem comigo mesmo, insegurança e assim tento ao máximo externalizar no corpo para ser reproduzido. Além dessas movimentações na caminhada e

na cadeira, utilizo a sensualidade feminina e nos gestos masculinos, um pouco de movimentos de determinadas técnicas de dança que *eu* consigo reproduzir para compor cada cena com duração total de no mínimo 10 minutos. Um fato importante de ressaltar é que durante a coreografia olho para trás e sempre volto à cadeira, nesses momentos penso que meu passado faz parte do que eu sou hoje, por isso utilizo dele como motor para chegar aonde quero independentemente de qualquer acontecimento bom ou ruim.

Figura 6 - Experimento: Húmus (3)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Figura 7 - Experimento: Húmus (4)



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Falar um pouco sobre figurino e outras coisas que compõem a cena têm sua relevância, pois cada coisa presente tem um significado relacionado ao que eu pretendia passar. por exemplo as meias, que em cena vinham representando quem eu sou ‘uma gay afeminada’, escolhi exatamente essa meia devido as suas cores serem uma representação da bandeira da comunidade LGBTQIAPN+ e de fácil reconhecimento por qualquer pessoa que não faz parte dessa comunidade. por isso a utilização da mesma como algo que me desse força para continuar a jornada da vida que ao longo do tempo passamos por situações traumáticas e acabamos nos sentindo rejeitados, abandonados, injustiçados ou diminuídos por quem esperávamos acolhimento, proteção e afeto.

Figura 8 - Apresentação: Húmus (Incômodo)



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Em sequência, a máscara que vem representando o *armário*, termo utilizado pela homossexualidade para esconder de um certo modo a orientação sexual ou camuflar personalidades femininas ou qualquer coisa que se queira omitir. E o porquê da máscara? Porque durante a minha infância e até hoje, as vezes preciso utilizar desse “*armário*” para esconder algumas verdades e que infelizmente em algumas situações preciso guardar essa bicha afeminada que sou, que na nossa sociedade as performances ditas “femininas” são vistas como menos valiosas e menos importantes. E é uma construção social cheia de machismo, misoginia que ao pensar na palavra afeminado já leva ao pensamento de “querer ser mulher”. É importante falar que muitas vezes, mesmo dentro das nossas vivências LGBTQIAPN+ carregamos a reprodução de padrões de gênero pautados no binarismo. Como exemplo, temos a “bicha afeminada” e, do outro lado do binário, o homem gay masculinizado e este preconceito não é diferente em relação as pessoas

heteronormativas. A masculinidade tóxica que carregamos interfere em todos independentemente de sua orientação sexual. Ainda não desaprendemos a nos relacionar sem reproduzir um modelo social. Contudo, da bichinha afeminada ao macho discreto, a homossexualidade não tem espaço na heteronormatividade. Entretanto, a violência de gênero não é dirigida somente aos homossexuais, mas sim, para aqueles que apresentam uma aversão a qualquer sinal de feminilidade. E para finalizar falarei do corpo quase nu em cena, que a intenção era dançar pelado, mais por motivo de não me sentir bem, expondo a minha genitália preferi utilizar uma tanga fio dental, bem parecida com um suporte utilizado por pessoas com pênis para dançar, o mesmo foi feito por mim, que me proporcionou mais prazer, conforto e confiança na apresentação.

4.3 Experimento 3- Improvisação

Figura 9 - Ensaio: Improvisação II (1)



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Resolvi participar do componente curricular para alcançar alguns resultados para a minha pesquisa de TCC, o nome do componente é improvisação II ministrado pelo professor Dr^o Jonas Karlos⁷, feito isto, em fevereiro de 2022 iniciava o período (2021.2), as aulas estão aconteceram todas as quintas das 09h às 11h da manhã, remotamente (via Meet). Sendo que era pra ser um período híbrido (aulas remotas via Meet e aulas

⁷ Professor Adjunto do Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-USP/SP) - Doutorado Interinstitucional (DINTER -USP/UFS). Mestre em Dança pelo Programa de Pós-graduação em dança da Universidade Federal da Bahia e Licenciado em Dança pela mesma instituição. Formação Técnica no Método Ivaldo Bertazzo/SP. É integrante do Grupo de Pesquisa Corponectivos: Dança/Artes/Interseções (UFBA) e do Grupo de Pesquisa Arte, Diversidade e Contemporaneidade (UFS). É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA).

presenciais), devido a Resolução feita pela universidade para evitar a disseminação do vírus. Então, o professor Jonas que de início tinha uma proposta que os primeiros encontros seriam remotos para discussão de textos e os demais presenciais para os experimentos para que no fim tivéssemos argumentos para escrever uma carta cinestésica como parte do processo avaliativo. Saiu outra resolução, onde tudo mudou e a programação de ser um período híbrido agora é totalmente remoto e assim meus planos também mudaram, os acordos feitos que eram de improvisar a partir de dois materiais, o plástico bolha e o plástico filme, passou a ser qualquer outro material que tivéssemos em casa que possibilitasse elasticidade ou algo parecido.

Aí você me pergunta: como é que essa mudança interferiu em meus planos? Eu te respondo! de início quando o professor explicou todo o processo do experimento e os materiais, vieram em mente várias ideias de como eu poderia falar sobre a relação daquele material com a minha pesquisa, que eu quero muito argumentar sobre dança e gênero, naquele momento da explicação veio uma imagem daquele plástico como uma placenta que cobre o feto durante a gestação e que a partir do momento que uma pessoa progenitora faz a ultrassom e se vê a genitália da criança, é imposto um gênero naquele ser, seguindo uma binaridade de gênero a partir de uma sociedade heteronormativa e isso gera toda uma expectativa da família sobre aquele indivíduo.

Depois que eu fiz o improviso e assisti uma pequena parte da gravação, percebi que o novo material também me possibilitava falar sobre gênero, só que agora por outras perspectivas como por exemplo de uma gay enrustida que precisa esconder sua sexualidade e viver sua vida em sigilo, o famoso armário da homossexualidade. Não é que eu seja contra esse tipo de comportamento, apenas não concordo porque reforça ainda mais o preconceito sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e eu sendo parte dessa minoria essas inquietações e diversas outras, me impulsionam para estudar as discussões sobre gênero e mais ainda na área da Dança que infelizmente ainda tem essa forte divisão binária de masculino e feminino.

Passaram os primeiros encontros, leituras de textos, discussão nos encontros, assistimos vídeos, o professor explicou toda a fundamentação necessária para improvisar, explicou todo cronograma de experimentos e apresentações. Feito isto se aproximava o final do mês de março e as datas previstas para iniciar os experimentos, então o primeiro grupo começou e na semana seguinte o segundo grupo onde eu estava inserido, fui o primeiro do grupo para dar início ao experimento, nervoso e ansioso tenho comigo um

tecido branco, sua composição é de poliéster com elastano (ótima elasticidade para se trabalhar com dança), acredito que este tecido é utilizado para fazer sacos de lixo, sua trama permite um pouco de transparência, o tamanho do seu comprimento era de aproximadamente 3 metros, encontrei esse tecido em uma residência artística no meio de outros tecidos que seriam utilizados para confecção de adereços para performances, no momento logo pensei! Esse tecido vai ser ótimo para a minha improvisação? Então, deixei reservado e no final da residência falei com o pessoal da organização se eu poderia levar aquele tecido e expliquei para qual fim seria utilizado e assim me foi cedido. Sendo assim, sem preparo nenhum, sem estar aquecido, com falta de aulas práticas, com pouca flexibilidade permitindo uma limitação sobre cada movimento, outro fato importante é que por mais que o tecido tivesse elasticidade ele também limitava toda a minha movimentação. Lembro que tiveram outros discentes apresentando com diferentes tecidos tornando cada uma improvisação singular devido os diferentes tecidos e corpos. E a partir daí percebi cada nuance e imagem que aquele material permite e que cada um com sua singularidade e gramática corporal buscava ao máximo ressignificar o movimento e o material.

O ambiente que eu tinha para improvisar era uma sala com um piso de cerâmica, um espaço pequeno compartilhado com uma geladeira, uma mesa, dois bancos de plástico que estavam sendo utilizados para apoiar o celular. Ou seja, havia uma limitação para movimentos amplos. Mas para a improvisação, esses itens citados, não seriam uma barreira ou algo que impedisse de continuar a improvisar, acredito que eles iriam nortear para investigar novos trajetos de movimentação ou ressignificariam o movimento, mas confesso que tive bastante medo de tropeçar em algum desses itens.

Figura 10 - Ensaio: Improvisação II (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Começo a improvisar, em pé, parado, com o tecido pendurado no pescoço e lentamente com as mãos comecei a mexer o tecido, me conectando com aquele objeto para que ele pudesse me proporcionar sensações, memórias, inquietações para os movimentos de improvisação começarem a surgir. Deslizar o pano, segurar, cheirar, eram ações que logo traziam uma sensação de afeto, lembranças de um lençol retalhado feito com sobras de tecidos cortados em pequenos pedaços e remendado um no outro, sua popularidade é maior nas cidades dos interiores, que durante uma grande parte de minha infância e adolescência eu utilizava para servir de apoio debaixo da cabeça na hora de dormir. Mas não demorava muito, logo vinha aquela sensação de aprisionamento, gastura, medo, sufocamento, devido aquele tecido estar envolvido em todo o meu corpo.

Puxei, estiquei, dobrei, enrolei, começo a experimentar elementos da dança vogue (*floor performance*, linhas de braço), me deslocava no espaço, deito e sento no chão, fazer isso tudo com o tecido, criando imagens geométricas aleatórias, que pude perceber quando assisti um pequeno trecho do vídeo gravado e pelo *feedback* do professor que logo falou de lembrar de um aplicativo de computador o Windows Media Play, usado para se ouvir músicas e que durante a execução das músicas ficavam várias imagens geométricas passando aleatoriamente na tela. Além disso, outro fato bem marcante foi a

ideia de corpo-coisa que Lepecki fala em um dos seus livros *Exhausting Dance* (2005) que traduzido para o português é *Exaurir a Dança*.

O corpo-coisa surge a partir do momento em que não se vê diferença do que é corpo e objeto e sim uma coisa só, de um corpo estranho, sem a necessidade de uma espetacularização, definido nos momentos em que o tecido me cobre totalmente, fazendo de mim e o objeto uma única coisa, eu particularmente vou chamar de *corpo Queer* que segundo os estudos queer, abrange essa multiplicidade de identidades e é provocador de novas percepções. Olha como é engraçado ao mesmo tempo que escrevo pra você, eu ouço músicas e na playlist aleatória da vida inicia uma música da Majur ‘Seja o que quiser’ que em uma das partes do seu refrão diz ‘*seja o que quiser ser, o importante é ser você,*’ e o outro é ‘*Imaginação corpo sem razão, os sonhos libertam aonde você deve chegar, se joga!*’. Estas duas frases me trazem um pensamento de que o corpo-coisa de Lepecki, os estudos queer junto com a improvisação estão falando de uma coisa só, de sermos livres e que o nosso corpo é um potente instrumento político.

Continuo o meu experimento, buscando abraçar todas as fundamentações possíveis, mas a movimentação toma todo o corpo, misturado com emoções e acabo esquecendo de seguir o roteiro com todos os fundamentos estudados, mas tinha em mente algo que era sobre o controle de domínio do objeto, quem vai dominar quem? Eu domino o objeto ou ele me domina? Eu particularmente achava que dominava o tempo todo o tecido, que de início comecei a dominar, mas não demorou muito e nem percebi que o objeto já estava dominando, tornando-se uma única coisa. Com um turbilhão de sensações e preocupado se estava ultrapassando o tempo limite do experimento, finalizei deitando-me no chão de modo que todos que estavam assistindo pudessem perceber que eu estava finalizando a minha improvisação. Assim, desta experiência emerge a necessidade de incluir esse experimento na composição do trabalho final da apresentação do tcc, fazendo junção com outras propostas coreográficas de acordo com a mesma problemática de gênero.

5 INTERLÚDIO 2

Lembre-se: você só enxerga em mim o que há em você.

A luz que você admira, ou a sombra que você destaca: estamos falando da sua percepção, não de quem eu sou.

Eu não sou quem você pensa que sou, é simplesmente um reflexo do seu desenvolvimento interior.

Você só pode se avaliar em relação aos seus recursos e conexões, e é injusto da sua parte me avaliar em relação a eles, porque eles não são sobre mim, são sobre você.

Quanto a mim, eu me cuido. Meus resultados mostraram e até sugeriram minha semente.

Suas opiniões são apenas suas projeções. Você só enxerga em mim o que há em você, isso se chama reconhecimento. Aqui eu te pergunto, o que você reconhece em mim: sua sombra ou sua luz?

6 DA JUNÇÃO DOS EXPERIMENTOS SURGE UMA NOVA APRESENTAÇÃO PERFORMÁTICA

*Dentro da cabeça
Há um mistério
Que se movimenta
O tempo todo...*

*Quem soul eu
Ao me olhar no espelho
Ao sentir a ferida que cortou.*

Pense & dance- Linn da Quebrada /Rodrigo Polla.

Vou começar este capítulo citando um trecho da música de Linn da Quebrada, *Pense & dance*, pois é nesses mistérios em constantes movimentações em meus pensamentos que descrevo essas experiências vividas na tentativa de emergir uma nova possibilidade de reestruturação em dança a partir dos relatos de experiências em determinados momentos durante a minha graduação. Trago a minha sexualidade como principal norteador para fazer parte do processo de investigação. Pois, é a partir de quem *soul*, diante de um corpo silenciado, que partilho com vocês a minha jornada para a realização do mesmo. Eventualmente com a descoberta do ser eu diante de diversas situações de violências identitárias e de gênero enquanto criança viada até os momentos atuais emergiram então, reflexões e a necessidade de reorganizar a minha poética na dança. Encontro-me também nessa dicotomia entre escrita acadêmica e prática artística, e me pergunto se todo esse trabalho de pesquisa em dança corresponde com as problemáticas da academia sobre pesquisa que na maioria das vezes as metodologias utilizáveis para legítima validação são as pesquisas quantitativas e qualitativas. Então, diante das palavras de BRAGA, PRETTE (2020, p. 2) encontro minha resposta:

A pesquisa performativa não se enquadra nos moldes da pesquisa qualitativa e quantitativa. Portanto, pode-se dizer que ela é uma outra categoria de investigação. Nela, a prática artística é entendida, em si, como pesquisa e não como instrumento, atividade ou resultado; é através da prática que o pesquisador chega a suas questões, hipóteses, conclusões, referências e tudo que permeia um estudo.

sob o mesmo ponto de vista é que apresento minha prática em vivências de criação artística como possibilidade do corpo como investigação da pesquisa performativa, já que até um certo período da graduação vinha me debruçando em padrões de normas que não abraçava as minhas práticas artísticas nos segmentos metodológicos. Já que foi na prática que construí meu ponto de partida para este trabalho e descobrir que em toda minha vida a violência de gênero sempre esteve presente deixando cicatrizes que são acionadas por

gatilhos de LGBTfobia. E ainda menos não tinha a consciência de que quando falamos de LGBTfobia, é precisamente sobre isso, uma estrutura de violência que oprime, que estreita relações de laços afetivos, que nos faz introjetar estigma, que nos faz desencontrar de outros e de nós mesmos.” A violência surge quando os gêneros não masculinos saem dos lugares que lhe são determinados e se tornam subversivos e quando o poder patriarcal estruturado é contestado ou se acha ameaçado.” (Faleiros, 2012, p. 63). Ou seja, é quando corpos que escapam e desobedecem às normas de raça e de gênero e não exercem seus papéis definidos pela sociedade, papel este que durante a minha infância até a vida adulta aprendi a performar sobre o que é ser homem e mulher. Entretanto eu enquanto bixa vivo numa sociedade por meios de éticas morais pautada na Cisheteronormatividade. Por vez que:

Nosso código de valores, nossas pautas de conduta, tudo o que fazemos e pensamos, querendo ou não, sempre medimos à luz de abordagens e propostas éticas heteronormativas, procedentes de âmbitos tão homofóbicos como a Igreja, a religião, a filosofia, a escola, a universidade, a política, os partidos, a cultura, o cinema e todos os discursos morais que as instituições proclamam aos quatro ventos para impregnar pouco a pouco as pessoas massivamente e desde pequeninhas” (Vidarte, 2019, p. 19).

Numa primeira fase da minha busca, achava que deveria investir em compreender melhor o alinhamento dos segmentos para a junção das experimentações. Como o caminho para chegar à unidade que buscava não foi de imediato, me questiono, que história eu quero dançar diante de um *eu* marcado com tanta violência de gênero? Então sento-me e respiro profundamente para visitar as minhas memórias vívidas, mas nenhuma resposta flui, o bloqueio imaginário e criativo dominava meu pensar, já que se tratava de voltar nas minhas feridas que muitas delas ainda não foram cicatrizadas. Questiono-me novamente por onde começaria a investigação para essa resposta, ponho uma playlist de músicas aleatórias, porém não funcionou. Daí depois de várias tentativas e relaxamento desses questionamentos tive a consciência de que o eu era parte integrante e que nesse “pedaço-eu” encontrava-se um todo que constitui o resultado deste trabalho.

Deixar entrar em cena o corpo na sua complexidade, dando voz a uma multiplicidade de elementos que aí se entrecruzam. A escolha do corpo, na sua vertente dramática, como objecto de estudo de uma investigação académica, deve-se, essencialmente, a uma motivação e estímulo pessoal (Oliveira, 2012, p. 16).

Após a resolução dos questionamentos precisei de um roteiro de preparação corporal e laboratórios de investigação dos movimentos, para isso foram necessárias aulas

que pudessem lembrar as experiências do *eu corpo* para que minha memória afetiva e corporal pudesse ser recuperada depois de quase 4 anos sem contato com a dança que inclusive, é necessário para a apresentação final deste trabalho. Nos laboratórios os materiais utilizados foram: a) frases homofóbicas ouvidas desde a infância até adolescência; b) informações de textos acadêmicos e outros meios; c) trabalhos artísticos que se relacionassem com o tema; d) objetos como cadeira, máscara feita de gesso, pedaços de tecido; e) músicas de diversos artistas inclusive a maioria eram artistas LGBTQIAPN+; f) aulas práticas nos componentes curriculares do curso de dança (balé clássico, danças brasileiras e no projeto de extensão Aldeia mangue).

Figura 11- Laboratório de Investigação: Aldeia Mangue (1)



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Nem tudo que foi pensado para ser trabalhado ao longo do processo foi utilizado ou executado, pois o planejamento das ações dependia muito da minha ida ao departamento do curso. Assim, por mais que eu planejasse e, por vezes, idealizasse e criasse expectativas, nem sempre conseguia ir para dar continuidade no processo de criação da pesquisa. Um princípio importante neste processo foram os laboratórios conduzidos pela Prof.^a Doutora Bianca Bazzo⁸, o projeto de extensão Aldeia Mangue,

⁸ Bianca Bazzo Rodrigues Pós-doutora na Universidade Antonio Nariño - Bogotá/CO - Faculdade de Educação - Artes Cênicas. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo - USP/ECA. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2013). Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008). Docente do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Opará:

havendo também a presença de outros participantes. O legal desses laboratórios é que tínhamos autonomia em propor nossas próprias movimentações, porém o que desestabilizava durante a realização era a interferência da memória corporal de processos anteriores que ia contra as minhas propostas, e que por outro lado era uma reafirmação constante da minha proposição de aspectos da composição de movimentos que se configurava naquilo que ela trazia proposto como estímulo.

Dado a largada para as ações de investigação sendo a primeira etapa no Aldeia Mangue, logo depois de ter compreendido o tema que seria trabalhado nesta escrita, surgiram dos experimentos uma montanha de movimentos e palavras, porém, ênfase as palavras DESPIR. Pois precisamos despir desse preconceito enraizado em nós. Porque a raiz do preconceito homofóbico não está só na heteronormatividade "indivíduo", mas na lógica do poder de gênero que historicamente é dominado pelo patriarcado “um sistema de organização social através do qual a esfera pública e a esfera privada são dominadas pelos homens” (Oliveira, 2017, p 49) e RÓTULOS que durante um bom tempo e que ainda ouço esses enunciados na tentativa de me rotular, que até mesmo antes de eu me entender como bixa o mundo já me definia como bichinha. Portanto, “os rótulos incomodam. Eles fixam e aprisionam ainda que provisoriamente. Por isso os rejeitamos.” (Louro, 2007, p.235). Embora essas ofensas de termos pejorativos não me abalam, pelo contrário, me empondera ainda mais de ser viado apropriando-me de cada palavra pejorativa imposta sobre mim. Não tenho intenção nenhuma de *lacrar* como muitos acham que ser viado é só lacração. Meu foco é aprofundar os estudos nas questões de gênero e explorar este tema paralelamente na dança para que sejam identificadas e sistematizadas a partir da prática em dança.

Voltando ao assunto dos laboratórios feitos, senti a necessidade de fazer anotações de cada dia baseadas em diversos âmbitos como— sensoriais, lembranças, pensamentos, dentre outros. Pois, a arte, de uma maneira geral, engendra em seu fazer experiências que envolvem o sensorial, as memórias, a percepção, o pensamento, as emoções, o contexto social, enfim, uma gama de elementos que são capazes de produzir saberes. Então, em um caderno de anotações especialmente para o tcc fui anotando todas as palavras,

percursos das danças populares sergipanas - UFS. Coordenadora do Projeto de Extensão Aldeia Mangue-UFS. Tem como campo de pesquisa e criação artística as manifestações populares brasileiras e seus contextos socioculturais e ambientais, convivendo e revisitando esses territórios em suas criações cênicas.

sensações, ou qualquer outra possibilidade que me ajudaria na escrita. Abaixo as palavras que surgiram nos laboratórios realizados foram:

Figura 12 - Laboratório de Investigação: Aldeia Mangue (2)



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

barro, moldar-se, infância, piçarra, bichos, medo, paixões, mar, rede, preconceito, pôr para fora, pessoas fofoqueiras, arrancar, sentimento de estar perdido, pular no mar, corpo entregue, opressão, família, cortar tempero, não consigo falar, deixa passar, lavar com água, quebrar coisas, transparência, segredos, arrepios, lembranças, tocar, sociedade, deslizar, enraizar, macacada, mulher, transformação, pesado, pequeno, profundo, sangue, sete ondinhas, desejos, histórias, arrancar, pescar, empurra, apoia, sensações, entalado na garganta, que não sai. (registros de palavras realizados nos laboratórios)

Nos laboratórios as palavras apareciam soltas e quando transcrevo para o caderno vejo que as palavras me forneciam informações importantes na busca por qualidades de movimento imbricadas nas mesmas, pois carregam informações das experiências corporificadas em algum momento da minha vida, seja ela em movimentos, sensações ou qualquer tipo expressão corporal.

Durante o processo criativo, considero uma maneira de dançar, tal como elaborei em tópicos especiais em dança para conectar-me a essa nova apresentação, contrastando com questões de gênero, conforme mencionado por Andreoli que:

A dança pode ser analisada como uma dentre as muitas práticas socialmente instituídas através das quais os corpos dos indivíduos são “marcados” por gênero, ou seja, os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados

como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos. (Andreoli, 2010, p. 111)

De imediato optei novamente pelo balé clássico devido ser uma técnica que tem seus papéis de gênero definido pelo masculino e feminino, mas não tenho um corpo preparado tecnicamente e quando não se tem esse preparo esteticamente fica estranho, então busco algo mais a ver com o que *eu* poderia performar. Assim, encontro o vogue, uma dança originalmente de pessoas pretas, de mulheres trans, travestis e gays que cansadas de serem excluídas e perder os concursos nos bailes da branquitude estadunidense criam seus bailes, as famosas *ballroom*⁹, esta cultura que surgiu na década de 70, tendo sua visibilidade maior na década de 90 devido ao lançamento da canção Vogue da Madonna que utilizou dessa cultura como referência para gravação do seu videoclipe. Esta imersão na dança vogue foi em um workshop produzido pelo coletivo *Lady Bixa* no período de pandemia, este projeto foi contemplado e executado a partir da lei Aldir Blanc. nesta vivência sobre vogue aprendi um pouco sobre a história das comunidades *ballroom* e as movimentações utilizadas nas batalhas. Entretanto, para a realização da apresentação da performance será utilizada algumas noções básicas de movimentos pois assim como o balé exige treino para condicionamento corporal o *vogue* também exige.

Chega o fim do semestre e com isso a minha ida ao departamento fica limitada, com o início das férias o departamento fica praticamente vazio e para eu utilizar o departamento tenho que pedir uma autorização a chefia do departamento, argumentos necessários eu tinha, a utilização do espaço é liberada para pesquisas de trabalhos e para ensaios de apresentações, mas confesso que fiquei acomodado nas férias e que não iria interferir muito nos meus laboratórios de preparação corporal, porque eu tinha me programado de que assim que o período começasse eu apresentaria a performance.

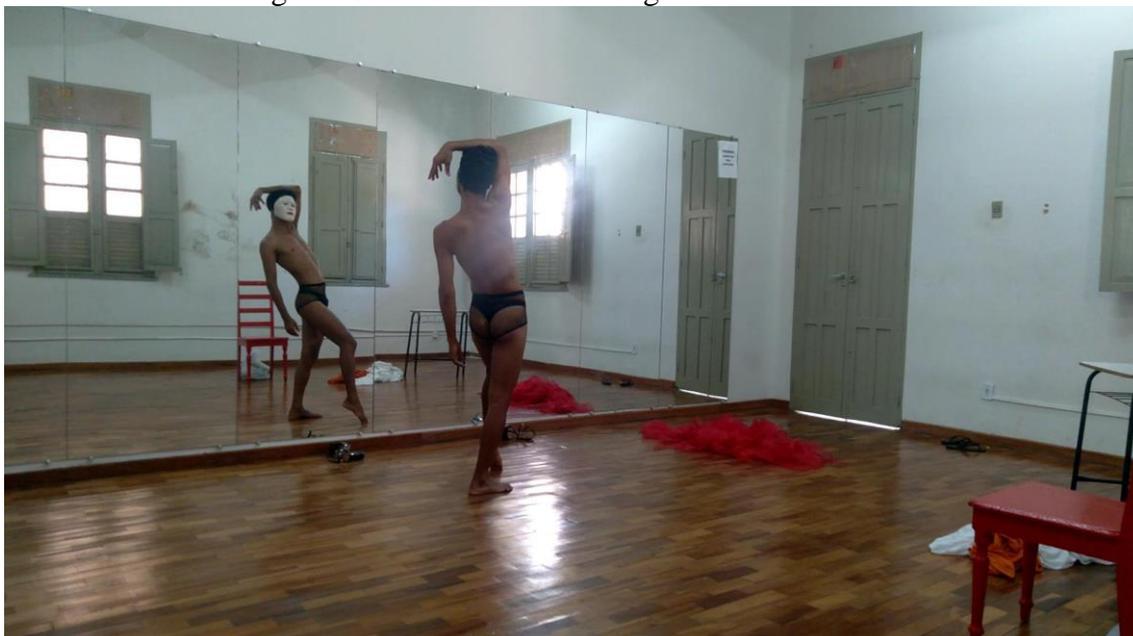
Imprevistos acontecem e minha programação de defesa foi pelos ares, mas me contento em defender no final do semestre 2023.2, porque assim, eu acreditava que teria mais tempo para ensaios para preparar o corpo e novos laboratórios para alimentar a escrita. Porém como vivemos em uma sociedade capitalista a gata aqui necessitava trabalhar para sobreviver e novamente não foi possível. Em conversa com meu orientador

⁹ A cultura ballroom é um movimento político e de entretenimento que visa fortalecer a diversidade de sexualidade, gênero e raça. As balls nasceram nos subúrbios de Nova York e aos poucos ganharam os holofotes, sendo integrados à cultura pop.

proponho uma possível desistência da apresentação da performance que seria algo mais elaborado e com o corpo suficientemente preparado. Então, entramos em um consenso e decido de fazer uma apresentação artística pensando em tudo que foi feito mais utilizando apenas fragmentos das experimentações sendo algo mais básico. Ressalto que, essa apresentação não é uma obrigação por que há uma necessidade, mas uma vontade particular de realizar como resultado de algo que eu já vinha organizando.

6.1 Destrinchando a Apresentação

Figura 13 - Laboratório Investigativo: Performance



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Assim começo a estrutura da performance de apresentação, para início penso em usar como referência o material que eu tinha utilizado e apresentado em improvisação II, acredito que os movimentos podem ir acontecendo espontaneamente durante apresentação por seguir uma linha da improvisação paralelamente com a minha subjetividade de que neste momento em si remete a um feto que durante o período gestacional já sofre violência identitária, desde o gênero imposto pelas ciências humanas mais especificamente com o recurso da ultrassonografia, que é capaz de identificar o sexo do bebê a partir do primeiro trimestre gestacional, essa ultrassom especifica o tubérculo genital fetal: que consiste em analisar diretamente a parte genital do feto, identificando assim o sexo do indivíduo.

Tais concepções científica do determinismo biológico a respeito do sexo deste indivíduo, criam uma expectativa nos pais baseado no sexo binário de masculino e feminino e a partir dessa determinação os pais revelam para os amigos e familiares o sexo do bebê.

Exemplifico o que é conhecido como chá revelação de gênero, uma festa organizada para revelar se o bebê que está por vir é menino ou menina. É a partir desse momento que o feto já está marcado por uma série de projeções e idealizações. Devo dizer

que existem os mais estranhos tipos de chás revelação na internet, alguns podem ser vistos como ofensivos para o gênero da criança, já que é a expectativa do outro que vai determinar o gênero desse embrião.

O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiteraões, cujos conteúdos são interpretaões sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros (Bento, 2017, p. 45).

A cena em si perpassa comigo dentro de um tecido realizando movimentos improvisados, desloco-me até o público retirando todo o tecido.

Para iniciar o segundo momento coreográfico vou cogitar uma interação com a plateia presente, solicitando que eles escrevam em meu corpo palavras que ouviram de modo preconceituoso ou algum tipo de rótulo para denominar um termo pejorativo com intuito de alcunhar. É pensando nessas palavras que percebo o quanto elas podem se relacionar com minhas experiências enquanto sujeito numa sociedade totalmente machista e preconceituosa. Dando continuidade, eu volto ao centro para iniciar um fragmento do trabalho que foi realizado no grupo humus como meio de transição para realizar a última cena. É pensando no experimento nos laboratórios do grupo aldeia mangue, que eu introduzo a palavra despir, então, após eu realizar esse fragmento apresentado, em pé um pouco mais à frente do palco eu começo a tirar a roupa com todas as palavras escritas pelo público ficando seminú.

*Você não pode usar saia, isso é vestimenta de mulher! Homem não usa maquiagem,
leve seu rosto agora seu moleque safado!*

Assim como iniciei a escrita exemplifico novamente frases que frequentam o cotidiano de crianças LGBTQIAPN+ como eu fui. Desde cedo ouço restriões quando utilizo peças ou algo considerado do universo feminino. Vejo com tristeza a recusa tão contundente a tudo que é relacionado ao feminino, como se esses artefatos tivessem o poder de determinar minha identidade. Louro (2000, p. 9) afirma que “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.” Ou seja, não é um salto que vai me definir ou uma calcinha fio dental, a definição de minha identidade é definida pela sociedade, família, cultura e entre outras características. Numa sociedade machista,

misógina e homofóbica como a nossa, não é para menos que eu enquanto sujeito que estava crescendo para ser um homem moldado a partir do conceito do macho viril, o macho que pegaria todas as mulheres, mas para infelicidade e destruição dos sonhos meu pai e para minha felicidade eu cortei essas relações com essa rede de poder. Para Orlando, meu pai quando ele fala onde foi que eu errei! essa frase muito preconceituosa tem sentido muito forte. Na verdade, muitos pais têm o temor de que seus filhos sejam gays e por isso tentam evitar a todo custo essa possibilidade, por isso põe culpa em algum erro que tenha cometido durante a educação enquanto criança. Tenho a concepção que eles acham que somos extensão de si em que as expectativas e os sonhos de cada pai são postos em xeque para que possamos dar continuidade incentivando-os a só ter práticas tipicamente masculinas.

Lembro-me sempre da minha criança viada no dia das crianças e desbloqueio algumas memórias ruins. Memória esta que eu chorava e implorava a Deus pra não ser assim como descreviam pessoas homossexuais, mulheres trans e travestis. A minha jornada do autoconhecimento me fortifica cada dia mais, porque durante muito tempo, demorei muito para descobrir a minha identidade enquanto pessoa *viada* e aqui não falo sobre gênero, falo enquanto sujeito político que está cansado de passar por opressões e silenciamento. Vidarte (2019 p. 61). afirma que “a existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada pela liberação sexual.”

É pensando nessa libertação que neste final de cena utilizo elementos como batom, roupas e calçados consideradas femininas, o desejo de ter cabelos longos, elementos do fisiculturismo e até a forma de sentar entre muitos artefatos socialmente femininos, que eu pretendo abordar. Pois na infância, devemos ter liberdade para brincar e imaginar, experimentando o mundo ao nosso redor, até adquirirmos o entendimento necessário sobre nossa própria identidade. A identidade do sujeito político “começa a ser construída assim que ele começa a fazer coisas. A cada passo que dá vai cristalizando, solidificando, forjando sua própria identidade com o que faz e com tudo, e todos, que vai deixando a beira do caminho.” (Vidarte, 2019 p. 64).

Eu que era um corpo que andava pelas ruas com pertencimento social baseado no que é ser homem e mulher e que de repente encontra representantes em diversos gêneros, sendo uma porta que se abre com tantas outras identidades. Ainda sigo construindo esse

sujeito político para enfrentar o preconceito em momentos cotidianos. Assim, vendo essa discriminação por muitas das vezes velada no contexto social, faz com que eu me sentisse incomodado comigo mesmo. Fico me perguntando, se as pessoas têm medo de alguém como eu? confesso, posso até ser *bixa*, mas bicho não. Caio Prado¹⁰ fala por mim como me sinto em expressar a minha sexualidade.

A placa de censura no meu rosto diz

Não recomendado à sociedade

A tarja de conforto no meu corpo diz

Não recomendado à sociedade

Perverso, mal amado, menino malvado, muito cuidado

Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado

Não Recomendado- Caio Prado

Ainda não compreendo completamente e nem vejo motivo para considerarem errado gostar de um outro homem. A orientação sexual não deveria definir toda a minha existência.

¹⁰ Caio Prado Ribeiro, mais conhecido como Caio Prado é um cantor e compositor brasileiro, nascido e criado no subúrbio do Rio de Janeiro. Lançou-se comercialmente em 2014, quando publicou o primeiro CD, “Variável eloquente”. Prado integrou o trio Não Recomendados, ao lado de Daniel Chaudon e Diego Moraes, grupo que se tornou popular na cena LGBT ao instrumentalizar a música contra a homofobia e os estereótipos de gênero. Concorreu e venceu o concurso Cepe Petrobras, que teve lugar no Teatro Rival, no Rio de Janeiro, como “Melhor Intérprete” e “Melhor Canção”. Foi reconhecido, ainda, no “Festival de Ilha Grande” e no “Festival de Três Rios”.

7 REFLEXÕES

O presente trabalho apresenta relatos de processos de experimentações como meio de criar performances, apresentando o fazer artístico como uma experiência que surge de uma prática que se desdobrou e reorganizou. Entendo que, neste processo, a minha trajetória não se encerra em mim, uma vez que a minha trajetória é capaz de estabelecer pontes e aproximar-nos de corpos com os quais não temos intimidade, mas por motivos tão óbvios que nos fazem de um certo modo ter esses laços de conexão.

Acredito que esta escrita possibilita múltiplos caminhos de refletir sobre a situação vivida e sobre como fundamenta-se na prática para, a partir daí, criar suas próprias observações, compreensões, interpretações e, conseqüentemente, descrições. Apesar de se tratar de binarismos tão seguros como o homem/mulher, masculinidade/feminilidade A desconstrução como procedimento metodológico, é um modo de questionar ou analisar e acredita-se que pode ser útil para desestabilizar binarismos linguísticos e conceituais. O leque de argumentos a respeito da relevância da discussão de gênero na dança, apresentado e discutido em processos, contribui significativamente para a complexificação de práticas artísticas e pedagógicas, além de ampliar a perspectiva de pesquisas no campo da dança.

As experiências não se limitam a nós mesmos, mas, ao contrário, demonstram uma série de processos que compartilhamos, apesar das diferenças pessoais e subjetivas a variedade de histórias de vida, essas diversas histórias são motivo de criação artística, o que resulta em diversas representações, que se enunciam de forma cenográfica. Com base nessa compreensão, pretendo prosseguir com a investigação aqui iniciada, aproximando-me de abordagens que discutem e refletem, com o objetivo de aperfeiçoar o meu entendimento sobre o tema e aprofundar sobre quais perspectivas relacionais podem ser estabelecidas entre essas abordagens e o entendimento do corpo sem um estereótipo na dança.

Além disso, percebi que é difícil abrir mão do que já foi aprendido. Desfazer, esvaziar e deixar espaço para o novo assusta, mas nos faz querer mudar tudo aquilo que nos incomoda. Todo esse processo de mudança surge de uma pesquisa pessoal que venho desenvolvendo há algum tempo. depois de várias crises existenciais, descobertas e a minha construção da autoaceitação (que não é fácil), até chegar a um orgulho que me motiva a empunhar a bandeira da comunidade LGBTQIAPN+. Esse investimento é, por si só, uma grande vantagem. Aprendi a lidar com a mudança, seja em casa, no trabalho

ou na sociedade em que estamos inseridos. Ao longo de todos os anos, ensinaram-me a conhecer o certo de acordo com o que é considerado certo e normativo, e digo não fui o único a adquirir essa perspectiva, mas todos nós compartilhamos o mesmo paradigma.

No entanto, devemos, primeiramente, superar as defesas complexas que se armaram ao longo da vida e, eventualmente, chegar ao nível consciente das causas que sempre nos apavoraram, impedindo as transformações. As causas são partes do nosso ser, que adquirimos em um determinado momento. A partir deles, organizamos as nossas memórias. É difícil romper com o padrão criado por essas lembranças. As causas nunca estão completamente visíveis, nem quando são imparciais para todos. Não as reconhecemos facilmente. Nada é fácil! Muito menos imediato. A tomada de consciência de possíveis causas que resultem em defesas e bloqueios, bem como de padrões repetitivos de comportamento, é apenas a primeira etapa de um longo processo. É crucial, antes de mais nada, questionar se estamos dispostos a mudar. Se desejamos abrir mão das explicações que fundamentam as nossas escolhas e as situações que vivemos, podemos, ao mesmo tempo, ser cúmplices e vítimas de nós mesmos.

Insurge em mim como ser humano desejante, dono de uma vontade insaciável de ir contra aos padrões estabelecidos para papéis de homens, fazem-me querer viver intensamente nessa desobediência de papel de gênero.

8 REFERENCIAS

- ANDREOLI, Giuliano Souza. (2010). Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Conjectura: filosofia e educação*, ISSN 0103-1457, Vol. 15, Nº. 1, 2010, pags. 107-118.
- FALEIROS, Eva. violência de gênero- V795 Lúcia Bastos Sandra Galvão Renato Casimiro Rosania Rolins Fábio Flora Andréa Ribeiro Heloisa Fortes Gilvan F. Silva CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC Violência contra a mulher adolescente-jovem / Stella R. Taquette, organizadora. – Rio de Janeiro : EdUERJ, p. 63-65, 2007.
- FERNANDES Ciane. *Entre Escrita Performativa e Performance Escritiva: O Local da Pesquisa em Artes Cênicas com Encenação*. 2018
- GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005. ISBN 85-7419-486-7.
- HASEMAM, B. (2015). Manifesto pela Pesquisa Performativa. Em: U. Cesaroli Junior, et al. (org.). *Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento ppgac/usp*, 3(1), 41-53.
- LOURO, Guacira Lopes *CONHECER, PESQUISAR, ESCREVER...Educação, Sociedade & Culturas*, nº 25, 2007, 235-245
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. *Resenhas • Rev. Estud. Fem.* 14 (1) • Abril 2006 • <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100018>. Acesso em: 16 mar. 2024
- LOURO, Guacira. (2001). Teoria queer: Uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*. 9. [10.1590/S0104-026X2001000200012](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012).
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade* Guacira Lopes LOURO, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. ISBN 85-86583-33-2.
- Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos).– Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023. <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/> Acesso em: 15 mar. 2024
- OLIVEIRA, João Emanuel De. *Desobediência de gênero*. Salvador: N-1 edições, 2017.
- PADILHA, FELIPE & FACIOLI, Lara. (2015). É o queer tem pra hoje? - Entrevista com Berenice Bento. *Áskesis - Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em*

Sociologia da UFSCar. 4. 156. 10.46269/4115.61.
https://www.researchgate.net/publication/348720580_E_o_queer_tem_pra_hoje_-_Entrevista_com_Berenice_Bento Acesso em: 15 mar. 2024

PRADO. Caio. Caio Prado - Não Recomendado (Áudio), [2014]. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R11soyz0DAY> Acesso em: 14 mar. 2024

PRETTE, Nailanita; BRAGA (MARIA BEATRIZ BRAGA MENDONÇA), Bya. Pesquisa Performativa: o corpo como meio de investigação. DAPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01–18, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0029. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17962>. Acesso em: 16 mar. 2024.

QUEBRADA. Linn da. Mulher/ blasfêmea, [2017]. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo> Acesso em: 14 mar. 2024

QUEBRADA. Linn da. Pense & Dance (Áudio Oficial)[2021]. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cPJVcL5_GLE Acesso em: 14 mar. 2024

QUEBRADA. Linn da. Submissa do 7º dia (Áudio-Vídeo Oficial), [2017]. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kfjhie6Y5Qc> Acesso em: 14 mar. 2024

SANTANA. Eduardo, Augusto Rosa- Função dramaturgica dentro dos processos de criação em dança p.1-5 v. 9 n. 1 (2008): V Congresso da ABRACE , publicado 2018-05-17 disponível em: 16 mar 2024.

TEATRO & DANÇA, R. Para uma dramaturgia do corpo
[Cláudia Marisa Oliveira]. Repertório, [S. l.], n. 13, p. 15–33, 2012. DOI: 10.9771/r.v0i13.4012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4012>. Acesso em: 16 mar. 2024.

VIDARTE, Paco. Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2019. ISBN 9788566943801.